



Figurações do Futuro

Da forma e temporalidade dos protestos entre ativistas da Esquerda Radical na Europa

Krøijer, Stine

Published in:
Revista Alegrar

Publication date:
2013

Document version
Også kaldet Forlagets PDF

Document license:
[Ikke-specificeret](#)

Citation for published version (APA):

Krøijer, S. (2013). Figurações do Futuro: Da forma e temporalidade dos protestos entre ativistas da Esquerda Radical na Europa. *Revista Alegrar*, 12.
http://www.alegrar.com.br/revista12/pdf/figuracoes_krojier_alegrar12.pdf

Figurações do Futuro.
Da forma e temporalidade dos protestos entre ativistas
da Esquerda Radical na Europa *

Stine Krøijer¹

O presente texto analisa a relação entre o que convencionalmente pensamos como o presente e o futuro no contexto de uma manifestação durante a conferência de aniversário dos 16 anos da NATO, em Strasbourg, em 2009.

Durante a manifestação, um corpo sincrônico de manifestantes emergiu em uma situação que resultou em aproximadamente 300 radicais de esquerda² sendo detidos numa ponte próxima à fronteira Franco-Alemã. Argumento que, em tais circunstâncias, o corpo de manifestantes temporariamente se torna a fonte, no plano de imanência, de um outro modo de existência que implica a potencialidade de um mundo diferente³. A situação revela como o corpo sincrônico se configura enquanto lugar de transformações qualitativas que conceituo como uma figuração corpórea do futuro.

Durante a última década, a Europa tem sido o palco de recorrentes protestos contra a elite político-econômica (em eventos de cúpula) do Banco Mundial, da União Europeia, da NATO e das conferências do G8/G20. Trata-se de eventos muito bem planejados e

* Este texto foi originalmente publicado em inglês, como artigo, na revista *Social Analysis*, v. 54, n. 3, inverno de 2010, p. 139-152 sob o título “Figurations of the Future. On the Form and Temporality of Protests among Left Radical Activists in Europe”, e gentilmente cedido pela autora para integrar, em português, este número da *Alegrar*. Os artigos e livros marcados com (*) eram inéditos na época da primeira publicação. Para manter a proposta do presente número da revista *Alegrar*, optamos por suprimir o abstract e as palavras-chave, mas preservando o formato original dado pela autora.

¹ Stine Krøijer é doutora em Antropologia pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhagen e Conselheira Política Sênior da IBIS. Liderou um trabalho de campo entre ativistas da esquerda radical na Dinamarca e na Suécia e durante as conferências de cúpula internacionais entre 2007 e 2009. Publicou, em coautoria com Inger Sjørnslev, o artigo “Autonomy and the Spaciousness of the Social: The Concern for Sociality in the Conflict between Ungdomshuset and Faderhuset in Denmark” (*Social Analysis*, v. 55, n. 2, summer 2011).

² “Manifestantes da esquerda radical” é uma expressão genérica usada por ativistas do Norte da Europa para descrever anarquistas, autonomistas e sindicalistas. Essa expressão também vale para grupos que podem ser identificados como os radicais do movimento global por justiça (Graeber, 2009; Maeckelbergh, 2009).

³ Cf. Deleuze; Guatarri, 1987, p. 266-267.

precisamente agendados, no que diz respeito aos participantes e organizadores oficiais das conferências (assim como à polícia), e isto se aplica também aos manifestantes, que vão para as ruas chamar a atenção para as injustiças cometidas em nome da civilização e do progresso. Neste sentido, eventos de cúpula – e, em particular, os protestos – têm muito em comum com elaborados rituais performáticos (Juris, 2008)⁴. Durante os protestos, diferentes técnicas, como máscaras, cores, música e estilos performativos, são empregadas para engajar os participantes e engendrar efeitos específicos entre eles e o público⁵. Sendo assim, penso as performances como atos em si que organizam tempo e espaço, ou seja, elas são corporificações temporais, dos ativistas, de um outro futuro.

Ao descrever os eventos ocorridos durante um dia de protestos – especialmente o momento de confronto corporal e violento entre ativistas e a polícia na Grand Pont, próxima da Pont de l'Europe (Ponte da Europa) que conecta a França e a Alemanha – fui inspirada pela análise situacional proposta pela Escola de Manchester e sua atenção aguçada ao conflito e à mudança (Gluckman, [1940] 1958; Van Velsen, 1967). O trabalho de Victor Turner sobre rituais e performances é de particular relevância aqui. Turner (1982, p. 29-32) desenvolveu um conceito antropológico de performance através de sua atenção aos fenômenos liminóides nas sociedades ‘modernas’, preservando simultaneamente o diálogo com estudos clássicos de ritual e liminaridade⁶. Em trabalhos anteriores (Turner, 1967; 1968), ele havia enfatizado a função integrativa do ritual, em concordância com Gluckman, e ao fazê-lo terminou por reproduzir também a tese basilar de Emile Durkheim acerca da função dos símbolos nos rituais, qual seja, que os rituais primeiramente e antes de tudo reafirmam os sentimentos sobre os quais um grupo se assenta⁷. Turner (1982, p. 44)

⁴ Cf. Turner, 1982; 1987.

⁵ Cf. Mitchell, 2006.

⁶ Veja também Mitchell, 2006, p. 384; Sjørsløv, 2007, p. 15-16.

⁷ Cf. Durkheim, [1912] 1954, p. 216. Turner (1982, p. 20) chamou seu trabalho de “simbologia comparativa”, o que se refere à interpretação de símbolos, mas também ao estudo das expressões através dos símbolos. Antes disso, Turner adotou uma visão processual do ritual de passagem de Arnold van Gennep, que declarou que o processo do ritual era dividido em três fases: separação, transição (estado de limbo social em um tempo secular que gera um forte senso de *communitas* entre os participantes), e reincorporação (Turner 1982, p. 24, 1987, p. 34). Focando explicitamente nas formas da vida religiosa, Durkheim ([1912] 1954) afirmou que a verdadeira função dos rituais dos clãs australianos não era, como eles mesmos entendiam, a de aumentar as espécies totem, mas sim produzir efeitos sociais úteis. De acordo com Durkheim, durante seus rituais, os Australianos experienciam um forte

sintetizou esta noção no conceito de *communitas*. Mais tarde, o autor veio a ressaltar a qualidade transformativa e potencial da fase liminal ou liminóide nos rituais e dramas sociais que, como colocado por ele, “podem gerar e armazenar uma pluralidade de modelos alternativos de vida, de utopias a programas” (Turner, 1982, p. 33)⁸. A alusão de Turner à existência destes outros modelos imanentes, ou mundos que podem tomar forma durante um ritual ou performance, atinge o cerne do que está em jogo aqui.

Preservo o conceito de performance, juntamente com o interesse especial à forma aí implicada, todavia, ao abordar o evento de protesto, viso despojá-lo de seu legado construtivista durkheimiano a fim de dirigir a atenção aos efeitos que ele produz⁹. O que me interessa, no que se refere ao corpo coletivo na situação de confinamento (*'kettle'*), não é a *communitas* ou a solidariedade afetiva, mas sim a sincronicidade e o afeto corporal¹⁰. Tratando da sincronicidade do corpo coletivo, busco dissolver a ontologia linear do tempo subjacente ao processo ritual, até mesmo na versão de Turner, apontando para a indeterminação do corpo e sua abertura para uma outra circunstância no aqui agora. A seguir, explorarei a dinâmica na ponte, em Strasburg, situação que participa do período de dois anos (2007-2009) de trabalho de campo que realizei entre os ativistas da esquerda radical no norte da Europa.

Detenção em Strasbourg

A atmosfera é tensa na reunião do conselho de manifestação¹¹ após a manhã de confrontos com a polícia na entrada do acampamento de protesto. O choque deu-se depois que um grupo de manifestantes deixou o acampamento, localizado seis

entusiasmo, e, conseqüentemente, são “transportados para outro nível de realidade”, o que os faz sentir de fora e acima da vida moral normal (Durkheim, ([1912] 1954, p. 216, 226).

⁸ Cf. Kapferer, 2006, p. 137.

⁹ Cf. Kapferer, 2005.

¹⁰ Cf. Massumi, 2002.

¹¹ Um conselho de manifestação é uma plenária de grupos com afinidade política trabalhando por consenso (Graeber, 2002, p. 70-71). Os grupos de afinidade, por sua vez, são pequenos agrupamentos de ativistas que se conhecem e que confiam um nos outros. Geralmente, eles viajam juntos para eventos ou ações, mas esses grupos de afinidade também podem ser formados numa base mais *ad hoc* entorno de objetivos específicos durante uma ação. Nestes grupos afins, tomam-se decisões sobre os tipos de atividade de que participarão e quais meios serão utilizados. Além disso, os integrantes desses grupos cuidam uns dos outros durante e após os confrontos com a polícia. Cada grupo envia um delegado para as reuniões do conselho, que acontecem várias vezes durante uma ação ou bloqueio, na tentativa de chegar a um consenso sobre questões táticas.

quilômetros ao sul do centro de Strasbourg, para protestar contra o assassinato de um participante que havia ocorrido durante a reunião de cúpula do G20, em Londres, alguns dias antes. Na rua, barricadas foram construídas e em seguida incendiadas pelos ativistas, que vestiam roupas pretas e cobriam seus rostos com capuzes e bandanas; e enquanto a polícia se aproximava era atingida por várias ondas, mais ou menos coordenadas, de pedras e garrafas.

A reunião visava discutir a organização de um black bloc¹² em conjunto com uma grande manifestação organizada pelos integrantes do Movimento Europeu pela Paz, a ser realizada nos próximos dias, mas na situação atual a ideia de “diversidade de táticas” estava sendo posta à prova. Seis meses antes, ativistas visitantes provenientes de toda a Europa tinham se esforçado para forjar uma concepção de ação em uma reunião secreta durante a qual foi acordado que todas as preferências táticas seriam respeitadas, e que se evitaria a condenação pública de outros grupos no contexto dos protestos que se iniciariam no dia seguinte. Agora, centenas de pessoas se amontoavam em uma grande tenda de circo vermelha e azul, usada para as reuniões no acampamento. Os ativistas sentam-se em montes de feno no chão, e a tenda vibra com o desejo de discutir os eventos do dia.

Quem fala primeiro é Alvin, da coalisão Block-NATO, que organiza uma ação de desobediência civil para bloquear as rodovias de acesso à conferência de cúpula. Ele informa à plenária que o plano da polícia é cercar toda a área central da cidade, e argumenta que todos que quiserem fazer parte do bloqueio na manhã seguinte deveriam deixar o local em poucas horas e tentar dormir perto do centro da cidade. Outra opção seria ir andando até o centro, em pequenos grupos, logo nas primeiras horas da madrugada. Ele também recomenda que ninguém entre em confronto com a polícia durante o ato.

¹² O termo “black bloc” designa uma tática específica empregada por manifestantes da esquerda radical durante manifestações. Essa ação de protesto, desenvolvida por radicais de esquerda alemães, na década de 80, consiste em ativistas usando roupas pretas e máscaras, formando, com os braços firmemente enlaçados, um bloco grande e conciso. Nas palavras dos próprios ativistas, isso é feito para evitar que eles sejam identificados e presos, e para dar à manifestação uma expressão agressiva. Essa tática às vezes inclui o dano ou a destruição da propriedade pública ou privada e conflitos de rua (cf. Graeber, 2009; Katsiaficas, 2006).

Vários ativistas a minha volta estão visivelmente incomodados – incluindo dois dos meus principais interlocutores, Natalie e Nicola, cujas preparações para o protesto eu vinha acompanhando no último mês –, e as palavras de Alvim perdem-se claramente na reunião. Pouco antes de entrar na tenda, Natalie tinha me dito que haveria protestos tumultuados. Na sua visão, as pessoas estavam “putas” por três motivos: devido à morte violenta do manifestante em Londres, pelo fato de que os protestos em Strasbourg estavam sendo relegados a uma zona industrial fora do centro da cidade, e porque aproximadamente cinco mil manifestantes haviam sido detidos na fronteira Franco-Alemã e impedidos de entrar na França. Durante dias houvera boatos sobre alvos alternativos. Natalie interrompeu Alvin ao gritar, “Tudo está muito bem, mas a polícia nos informou que eles não nos deixarão sair do acampamento até às onze da manhã, quando a conferência já houver começado!” Nunca descobri se isso era de fato verdade, ou se era somente um dos muitos boatos que circularam por ali a semana toda. Nicola, um jovem arquiteto, membro da Federação Anarquista Francesa, sentado ao meu lado no feno, cochichou, “Eu adoro isso tudo. Agora você precisa pensar por si próprio”.

Aqueles que queriam participar do black bloc decidem sair nas primeiras horas da madrugada. Estou inclinada a segui-los, mas me preocupo não só com minha própria segurança, mas também com a dos quatro graduandos que vieram comigo para estudar a construção do acampamento e seus efeitos imaginários. Do lado de fora da tenda as pessoas conversam em pequenos grupos. Helicópteros militares circulam sobre nossas cabeças há dias, e alguns ativistas estão apreensivos com a possibilidade de que a polícia finalmente resolva assaltar o acampamento durante a noite. Nicola e eu decidimos conduzir meus alunos e um grupo do Revolt France, que atuará como médicos de rua no dia seguinte, para o centro da cidade, em seu carro. Concordamos que provavelmente acharíamos um lugar para descansar um pouco em Molodoi, um centro social autogestionado que também serve de ponto de encontro durante a conferência de cúpula. No escuro, depois de tatear em busca de nossos sacos de dormir e outros itens pessoais, fomos procurar o carro de Nicola. Antes de sair, ele se lembrou de tirar um porrete de metal de seu porta-malas, e escondeu-o em uma moita.

As ruas de Strasbourg estão escuras e vazias. Desde ontem, tudo está deserto. Lojas, escolas e outras instituições estão fechadas, e o transporte público não está funcionando. Passes especiais da conferência de cúpula foram emitidos para os habitantes locais, o que lhes permite sair e retornar para suas casas. A primeira viagem à cidade foi tranquila, mas, durante nossa segunda viagem, começamos a ficar nervosos. Temos a sensação aterrorizante de estarmos sendo seguidos, apesar de sabermos que não fizemos nada de errado. Os policiais estavam postados nas esquinas das ruas, e, num momento de distração, Nicola dirigiu na contramão. Fomos parados. Os policiais examinam o carro, o porta-malas, e nós. No porta-malas, encontram o capacete de bicicleta de Nicola, seu equipamento de segurança para andar de *skate* e seu caderno. O policial do escalão mais alto pegou o caderno e começou a folheá-lo, parecendo muito interessado. “Então, você é um dos organizadores”, ele diz a Nicola. Ele nega, mas é levado sob custódia mesmo assim. O resto de nós é deixado na rua. Então, vamos andando até Molodoi, enquanto meu caderno de notas queima em meu bolso. Por sorte, Nicola e eu nos lembramos de trocar dados pessoais antes de deixar o acampamento; e depois de esperar ansiosamente por uma hora e meia, liguei para a equipe jurídica¹³ e os informei da prisão de Nicola. Uma hora mais tarde, ele já está de volta. Diz que está bem, apesar de estar com “a cabeça confusa por conta das perguntas que teve de responder”. Tomamos chá antes de subir, na ponta dos pés, para o quarto onde os ativistas, dormindo, cobriam cada centímetro do chão.

Levantamos antes das sete da manhã, e rapidamente fomos ao ponto de encontro do bloqueio. Andamos pelo cais que rodeia o centro de Strasbourg, e que delimita o perímetro da “zona vermelha”, a área não permitida aos manifestantes. Observamos a polícia que vigia as pontes. Quando alcançamos a Quai des Alpes, vimos os primeiros grupos de black bloc vindos do acampamento. O gás lacrimogêneo enche o ar, e os confrontos com a polícia têm início assim que os grupos tentam encontrar um ponto de passagem. Assistimos em silêncio por um instante, e então decidimos seguir em frente, em direção ao norte, passando pelo ponto de encontro oficial do bloqueio, que

¹³ Durante os protestos para interromper as conferências de cúpula, os ativistas contam com uma infraestrutura organizacional que inclui grupos de médicos voluntários, unidades de suporte de traumatologia, e um grupo que trata dos problemas legais dos manifestantes presos. Além disso, também contam com planejadores dos eventos, que estão ligados à organização do acampamento, por exemplo, comissão de limpeza, cozinha, grupo de imprensa e equipe de informação.

já havia sido abandonado. Viramos para oeste em direção ao centro, seguindo o rastro de outro agrupamento (o 'pink bloc') e do cheiro deixado pelo gás lacrimogêneo, até chegarmos ao bloqueio no cruzamento da Avenue des Vosges com a Avenue de la Paix. Fomos parados e revistados inúmeras vezes. Estas medidas visavam ajudar a polícia a identificar os 'elementos indesejados' que se movimentam no espaço público, de modo que todos que andavam pelas ruas tinham que passar por revistas e por repetidas verificações de identidade.

O pink bloc, que está relacionado ao movimento *queer*, é um agrupamento colorido, basicamente organizado em torno de um grande grupo de samba. Os homens e as mulheres geralmente se vestem de rosa, usam penteados e chapéus elaborados, e dedicam-se ao teatro de rua e à bateria do ato. Existe também um contingente de palhaços alemães que mistura de forma hilária fantasias e roupas de soldado. Eles marcham e executam evoluções militares diante da linha de frente da polícia imitando os movimentos dos oficiais, o que adiciona à situação um elemento de comédia e suspense. A polícia assiste com as viseiras dos capacetes levantadas, no entanto, apenas meia hora antes eles haviam tentado expulsar os ativistas do pink bloc da rua. Os manifestantes inalaram um pouco de gás lacrimogêneo para tentar alcançar o bloqueio, mas até então não se sabia ao certo se isso havia ajudado a impedir os delegados da cúpula da NATO de chegarem ao centro de conferências, no Palais de la Musique et des Congrès (Palácio da Música e do Congresso).

Revezamo-nos entre dançar e descansar, e Nicola atende algumas pessoas que se sentem enjoadas por causa do gás. Para minha surpresa, encontrei suecos e gregos que conheci durante o Fórum Social Europeu, em Malmö, em 2008, e, como a situação se acalmou, pudemos conversar. Usando um megafone, Alvin anuncia que a conferência da cúpula se atrasaria uma hora em razão do bloqueio, mas meu companheiro grego duvida seriamente da veracidade desse fato. "O bloqueio não foi tão efetivo assim", ele diz. "Existem vários espaços de passagem. O atraso provavelmente foi causado pelo Berlusconi querendo ir ao banheiro". Pudemos perceber, pela atitude pacífica da polícia, que não éramos mais uma ameaça ao andamento tranquilo da conferência oficial, então, durante uma reunião do conselho de manifestação, após o anúncio de Alvin, fica decidido que sairíamos de lá e iríamos

para a grande manifestação organizada pelo Movimento Europeu pela Paz (a qual inclui também um black bloc) que começaria em uma hora.

Antes, porém, Nicola e eu nos preparamos para nos unirmos aos confrontos na área portuária, próxima à fronteira Franco-Alemã. Para isso, fazemos um desvio de volta para Molodoi para pegar mais suprimentos médicos. Saímos de lá com nossas bolsas cheias de bandagens, algodão para os narizes quebrados, alguns medicamentos e seis ou sete garrafas de Maalox, um ótimo tratamento para azia e gás lacrimogêneo. Estamos ambos ávidos para voltar à ação, eu tento ignorar meu cansaço crescente devido à falta de sono. De longe, vemos fumaça preta subindo da Bridge of Europe (Ponte da Europa), normalmente a fronteira Franco-Alemã mais movimentada. Próximo dali, algumas horas antes, os líderes da NATO participaram de “uma ação diplomática” – ou seja, uma sessão oficial de fotos –, e agora o posto de fronteira tinha sido incendiado pelos manifestantes. Nicola está usando seu capacete de bicicleta e seu equipamento de segurança de skatista. É um dia quente, e ele olha para mim sorrindo. “A fronteira está em chamas”, ele diz. “Vamos à guerra.”

Seguimos na direção da fumaça e do som dos helicópteros até chegarmos à Grand Pont, uma longa ponte que conecta o centro da cidade com a área portuária, mais ou menos a 1,5km do posto fronteiro. No caminho, somos parados repetidamente pelos policiais, que revistam nossas bolsas e nos questionam sobre nossas ocupações, nossas intenções e a que organizações estamos filiados. Ao chegarmos à Grand Pont, um enorme canhão d’água e uma dúzia de viaturas policiais se posicionam no meio dela. Blocos de cimento cobertos com plástico e arame farpado tinham sido colocados do outro lado da rua. Nicola se aproxima de um policial e pede permissão para passar e fornecer ajuda médica aos ativistas do outro lado. Com voz educada, mas firme, o policial nos informa que isso não será possível.

Ao pé da ponte, encontramos mais de 300 ativistas do pink bloc que participaram da tentativa frustrada de bloquear a conferência de cúpula da NATO. Algumas pessoas descansam ou procuram comida e água, enquanto outras estão ansiosas para cruzar a ponte, seja para se juntar a grande manifestação convocada pelo Movimento Europeu pela Paz ou para participar dos confrontos com a polícia, que estão em curso desde

mais ou menos 7 da manhã. Uma fileira de viaturas policiais retira-se da ponte, e, depois de uma reunião do conselho de manifestação, os manifestantes reunidos decidem fazer uma tentativa de ‘abrir’ a ponte.

À medida que caminhamos até a ponte, três fileiras da polícia antidistúrbio¹⁴, resguardada por capacetes, escudos, joelheiras e braçadeiras táticas, e protetores de tórax, obstruem nossa retirada. Por um minuto, considero a possibilidade de pular por um declive íngreme ao lado da ponte para evitar o que parecia ser uma prisão iminente, mas fui desencorajada ao ver alguns manifestantes sendo severamente espancados e chutados de volta para o grupo ao tentar fugir. As fileiras policiais se movem rapidamente e, auxiliadas por grades portáteis, empurram o grupo de samba e todos os que estão próximos, enquanto os percussionistas se esforçam para não perder o ritmo. Estamos todos espremidos no que mais tarde aprendi é chamado *kettle* – jargão policial para confinamento temporário de manifestantes. O cheiro de gás lacrimogêneo chega até nós, vindo do outro lado da ponte, onde cerca de mil ativistas estão arremessando pedras na polícia. No nosso confinamento, na ponte, o grupo de samba continua a tocar, mesmo sob um fundo de silêncio. A palavra de ordem “Democracia é isso!” é gritada repetidamente. Ao ser lançada no bloqueio, pela manhã, eu pensava que se referia ao nosso controle das ruas. Nesse momento, porém, percebi que se tratava mais de uma crítica à repressão policial. Converso rapidamente com Svante, um rosto familiar do Fórum Social Europeu em Malmö, membro do grupo antimilitarista sueco. Ele me conta que havia dormido embaixo da ponte, naquela noite, para poder participar do bloqueio, e seu grupo estava planejando voltar ao acampamento. “Agora não sabemos como isso vai terminar”, diz ele, com um sorriso pálido.

Nós somos mais e mais comprimidos, e a temperatura sobe no confinamento. As pessoas levantam suas mãos para mostrar suas intenções pacíficas. Tornei-me então agudamente ciente de que, se alguém entrasse em pânico ou perdesse a calma, a situação poderia se transformar em confrontos violentos, resultando em prisões em massa. Quando a primeira fileira de manifestantes é empurrada para trás pela polícia,

¹⁴ No Brasil este papel é desempenhado por grupos especiais da Polícia Militar cujos nomes variam de um estado para outro. [NE]

instantaneamente se produz uma onda coletiva entre os manifestantes que flui para frente e para trás, com a percussão rítmica da bateria dando-nos uma cadência compartilhada. Nós nos tornamos um só corpo, atuando em conjunto: um movimento em uma parte do grupo exerce influência imediata no restante dele. Estou repleta de uma intensa sensação de força e solidariedade, misturada com medo. Ninguém se move ou fala. O ar está cheio de uma tensão vibrante, e eu observo o maxilar do policial mais próximo de mim ficando branco ao fixar seu olhar em algo acima da minha cabeça. Pergunto-me que tipo de ser se esconde atrás da armadura. É um longo e aterrorizante momento de possibilidades em que sinto sobretudo nossa respiração coletiva.

Cerca de quinze minutos depois, a polícia antidistúrbio se retira sem dizer uma palavra, e somos autorizados a ir embora. As pessoas voltam a falar. Nós nos abraçamos e rimos, enquanto alguns até mesmo dançam no meio da rua. Ao questioná-lo, Nicola diz experimentar uma mistura de sentimentos de alívio e poder. Ao nosso redor, as pessoas estão rindo, e eu compartilho a explosão de alegria. A euforia é tingida pela raiva e por uma sensação rara de poder, o que parece um pouco estranho, uma vez que não estávamos em vantagem na situação. Observo o grande canhão de água se afastando. Alguém estoura e abre um hidrante vermelho para dar a todos um gole d'água, que escorre no asfalto quente. Svante, que ficou ao meu lado na operação de confinamento, comenta como está feliz por termos sido capazes de “nos acalmar e controlar a situação”. Um alemão de meia idade se une a nós para nos dizer que tinha passado várias horas em seu carro de manhã para chegar ao protesto e agora “havia experimentado o que pretendia experimentar”. Ele continua falando, e eu me viro para tentar descobrir qual será nosso próximo movimento.

Após o momento de felicidade e celebração, tivemos outra reunião com o conselho de manifestação na Rue du Grand Pont. Cerca de metade do grupo, incluindo metade do grupo de samba, decide voltar ao acampamento, enquanto o resto de nós deseja prosseguir para o que restara da demonstração-insurreição¹⁵; vários palhaços do pink bloc haviam tirado sua maquiagem e suas fantasias. No dia seguinte, enquanto me

¹⁵ A expressão *demonstration-cum-riot* foi cunhada na época para descrever manifestações em que táticas diversas eram utilizadas. [NE]

levava à estação de trem, um dos palhaços de Freiburg explica: “Perdi o espírito de palhaço no confinamento. Costumava correr com o black bloc, mas passei a me fantasiar de palhaço há cerca de quatro anos. A palhaçada é uma boa maneira de entrar em um confronto, eu acho. Mas fiquei com tanta raiva [no confinamento] que não vou poder continuar me fantasiando e lidando com a situação de forma bem humorada. Depois de toda essa tensão, eu só senti raiva, e tive que arrancar minha fantasia”.

Na parte deserta da região portuária, a manifestação se desfez e as pessoas vagueavam sem rumo. Simultaneamente, o conflito violento entre militantes acompanhados de jovens da *banlieue*¹⁶ e a polícia antidistúrbio prossegue nas proximidades da Bridge of Europe (Ponte da Europa). O confronto acontece à distância e segue em ritmo lento. Grupos pequenos e dispersos de ativistas jogam pedras e coquetéis Molotov nos policiais a pé, que mantêm distância e respondem com gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, e eventualmente algumas pedras. Os ativistas estão ritualmente vestidos de preto, com máscaras de gás, capacetes e roupas protegidas, numa impressionante semelhança com a polícia. Até em seus movimentos corporais, ao atacarem e se esconderem atrás de seus escudos, são semelhantes – coordenados ainda que sem uma coordenação central, o que corresponde, penso eu, à ideia sobre a necessidade de “agir” para mudar o curso dos acontecimentos.

Na Bridge of Europe (Ponte da Europa), ativistas puseram fogo no posto fronteiriço e nas proximidades do hotel Ibis. Dois participantes explicam que policiais têm se posicionado no posto da fronteira, enquanto outros parecem pensar que ele tem sido usado para refugiados rejeitados. De qualquer forma, o alvo é considerado legítimo. Um de meus alunos assistentes, que não quis participar do bloqueio, foi parar na ponte por engano. À noite, ela nos descreve como pequenos grupos de jovens corriam ao redor dos prédios em chamas, gritando de alegria, e dando uns aos outros sinais de aprovação com as mãos. Os moradores da periferia próxima também estavam presentes, ela explicou, saqueando alguns postos de gasolina destruídos. As ações de black bloc e as destruições de propriedade são os incidentes que serão noticiados pela

¹⁶ *Banlieue* é uma área residencial na periferia da cidade. Na França, o termo é usado mais frequentemente para descrever áreas com residências de baixa renda ou que contam com ajuda social. [NE]

mídia ao longo dos dias que se seguirão. “Sem fronteiras”, diz o grafite rabiscado no posto de controle da fronteira queimado.

No fim da tarde, as pessoas começam a voltar ao acampamento, enquanto outros trocavam suas roupas para aparecer como “cidadãos comuns”, o que lhes permitirá passar pela revista policial no centro da cidade. Nicola, eu e alguns outros manifestantes fomos andando em direção ao centro, mas, para chegar a Molodoi e ao carro de Nicola, teríamos que atravessar uma das pontes fortemente vigiadas pela polícia. Demos várias voltas, ao mesmo tempo em que tentávamos parecer tão inofensivos quanto possível. “Tente não olhar nos olhos deles”, Nicola advertia. Lembro-me de pensar que aparentemente não havia nenhum acordo entre os manifestantes e a polícia sobre o fim daquela situação. Tinha dificuldade para andar devido às grandes bolhas em ambos os pés, e rapidamente fomos todos dominados pelo cansaço. Na quarta ponte, mudamos de tática. Uma de minhas alunas assistentes e eu caminhamos até a ponte primeiro. Abordamos a polícia diretamente, e gentilmente pedimos para nos deixarem passar. Eles checam nossos passaportes e fazem perguntas à Nicola, mas nossa tática funciona. Uma vez seguros no outro lado, Nicola resmunga: “É, eles são humanos afinal de contas. Disse a ele [o policial] que estava cansado, e ele disse que também estava”.

Quando chegamos ao carro, Nicola descreve o dia como um grande sucesso. “Você não pode esperar que a gente realize tudo em apenas um dia”, ele diz, “mas conseguimos controlar a rua e criar desordem no planejamento deles”. “O que você quer dizer com ‘tudo’?”, eu pergunto. “Bem, você sabe, a revolução não acontece de um dia para outro”, Nicola responde. Continuamos em silêncio, perdidos em nossos próprios pensamentos. Mais tarde, em Molodoi, enquanto comemos e esperamos o transporte para o acampamento, Nicola descansa sua cabeça na mesa e começa a chorar. “Eu simplesmente não fui forte o bastante”, ele repete. Sou dominada por uma tristeza profunda, que me acompanhará durante semanas, sem ser capaz de identificar o motivo.

Afeto corporal e Sincronicidade

A situação que descrevi propõe mais questões do que eu poderia responder aqui, mas o momento na ponte pede por uma análise aprofundada. Qual era a natureza do corpo comprimido de manifestantes na ponte? Como os ativistas passaram a associar força e controle com uma situação onde a polícia claramente estava em vantagem? Qual a relação entre corpo e tempo, tal como revelada nesse incidente?

Quase não há dúvidas de que as ações de protesto e o engajamento nos confrontos corporais com a polícia dão origem ao que usualmente consideramos como emoções fortes. Descrevi como o confinamento em Strasbourg nos causou não só ansiedade e até medo, mas também um senso de solidariedade, controle e força compartilhados. Um modelo óbvio para entender essas emoções é aquele do processo ritual, tal como pessoas próximas ao movimento tem argumentado¹⁷. Protestos, e mais particularmente os momentos de confronto, podem ser associados com as fases liminal ou liminóide de rituais. De acordo com Turner (1982), o despertar de fortes sentimentos é característico dessa fase¹⁸. No entanto, reluto em entender o ritual, e consequentemente os protestos, como construção social de sentimentos pessoais, como se argumentou em grande parte da antropologia das emoções (Lutz; White, 1986; Wulff, 2007). Pelo contrário, o que parece estar em jogo aqui tem a ver com a intensidade e a sincronicidade do(s) corpo(s) na ponte.

Descrevi a compressão física entre os manifestantes na ponte de Strasbourg como um corpo coletivo com uma só respiração, em que o movimento de uma das partes instantaneamente incidia sobre a outra, e o ritmo do grupo de samba devém uma pulsação, uma cadência coletiva. Em meu ponto de vista, a compressão física e a intensidade da situação deu origem a uma sincronicidade corporal, ou seja, um pertencimento corporal a um mesmo momento no tempo. A experiência de devir um corpo sincrônico ocorre frequentemente em protestos, podendo tomar para si diferentes formas, como quando ativistas caminham em fileiras cerradas com seus braços entrelaçados durante uma manifestação. Vestidos de forma similar, todos de

¹⁷ Ver Jordan, 2002; Juris, 2008.

¹⁸ As palavras “sentimento” e “emoção” são comumente usadas de forma intercambiável. Acompanhando Massumi (20012), penso em sentimentos como pessoais e biográficos, ao passo que as emoções são sociais, como por exemplo, expressões coletivas de sentimento ou sua construção social. Afetos são experiências pré-pessoais e não-conscientes de intensidade (corporal).

preto, tornam-se indiscerníveis uns dos outros. Devir um corpo sincrônico pode ocorrer também quando as ações livres de forma, como os tumultos de Strasbourg, obtêm um efeito de enxame, o que implica em uma sincronicidade entre elementos dispersos. Uma força exterior pode produzir um efeito similar: a emergência de um corpo sincrônico muitas vezes parece acontecer em situações em que os corpos são confinados em espaços estreitos, ou se tornam fisicamente comprimidos. Isso ficou particularmente claro para mim quando centenas de ativistas foram encurralados pela polícia em Strasbourg.

Nas notas de tradução de *Mil Platôs*, Massumi apresenta o conceito deleuziano de afeto. Ele argumenta que o afeto é “intensidade pré-pessoal que corresponde à passagem de um estado experiencial do corpo a outro, envolvendo um aumento ou uma diminuição da potência de agir do corpo” (Massumi apud Deleuze; Guattari 1987, p. xvii). Assim, o afeto é uma experiência de intensidade, um momento de potencialidade informe que não pode ser capturado na linguagem (Massumi, 2002, p. 30). Em minha perspectiva, isso pode nos permitir compreender a aparente contradição entre a experiência de imobilidade no confinamento e o aumento da sensação de poder e força. Aquele momento na ponte implicou uma mudança no estado experiencial do corpo; simultaneamente, foi uma mudança na forma corporal e na vitalidade. Penso nesses momentos como um estado de “tempo ativo”, em que alguns ideais pelos quais os ativistas lutam temporariamente se tornam reais e concretos, uma outra forma corporal no ‘aqui e agora’ do confronto.

Esses momentos de tempo ativo, que correspondem à emergência de um corpo sincrônico, podem ser contrastados com vários outros momentos no caso relatado acima, nomeadamente quando tivemos a experiência de sermos seguidos e observados pela polícia durante nosso passeio noturno, ocasião em que Nicola foi levado sob custódia, e quando ele chorou por sua falta de força para enfrentar a situação. Nessas situações, onde ativistas são separados e individualizados, eles descrevem a si mesmos com um sentimento esmagador de tristeza, submissão e paranoia. Resumindo, a vida do ativista oscila entre vários modos temporais de ser, entre tempo ativo e ‘tempo morto’, ambos dependem fortemente do corpo. (Krøijer 2011; Krøijer e Sjørsløv, 2011).

O tempo ativo é prevalente em situações, tal como a que ocorreu na ponte de Strasbourg, em que os ativistas passam a existir em um estado de sincronia diferenciada ou precipitada. Nesse contexto, o que consideramos como sendo experiências de solidariedade, horizontalidade, força e liberdade está encravado neste tempo ativo precipitado. No caso dos protestos de rua, é o confronto corporal entre manifestantes e polícia (em suas formas variadas) que funciona como ponto de transição entre tempo ativo e tempo morto. Penso ambos como diferentes perspectivas corporais ao longo das linhas sugeridas por Viveiros de Castro (1998, 2004) em sua teorização do perspectivismo Ameríndio.

Em seu trabalho sobre a cosmologia Ameríndia, Viveiros de Castro redefine as categorias de natureza e cultura, e critica o uso do naturalismo ocidental, fundado na ideia de uma natureza compartilhada e múltiplas culturas, para descrever cosmologias não ocidentais. Baseado em seu estudo sobre como humanos, animais e espíritos se veem na cultura Araweté, no Brasil, Viveiros de Castro (1998) argumenta que todas essas categorias compartilham uma essência antropomórfica (cultura), mas que se mostram em diferentes ‘roupas’, ou seja, em diferentes aparências corporais (naturezas). Assim, o multiculturalismo ocidental é substituído pelo multinaturalismo amazônico, implicando uma unidade espiritual e uma diversidade corporal. O resultado é uma cosmologia de múltiplos pontos de vista corporais. Sua existência não significa, todavia, que o mesmo mundo está sendo compreendido de diferentes ângulos, mas que “todos os seres veem o mundo da mesma maneira – o que muda é o mundo que eles veem” (Viveiros de Castro, 1998, p. 477).

Obviamente, a cosmologia de um ativista europeu é diferente da cosmologia dos indígenas amazonenses, mas a habilidade corporal de ocupar um certo ponto de vista é análoga. É o corpo que faz a diferença. Se transpusermos o multinaturalismo amazônico para o pensamento ocidental do tempo, deve ser possível reconsiderar a antinomia entre o presente e o futuro, entre imanência e transcendência, que é inerente a grande parte do pensamento sobre mudança social. Geralmente, tem-se como garantido que o tempo é linear e fluido – que é um único e compartilhado tempo cronológico, o qual, por sua vez, podemos compreender diferentemente (Gell, 1992; Hodges 2008). O modelo de ritual de Turner sofre de uma ontologia linear do

tempo ao descrever o ritual como um processo uniforme e linear, em torno do qual a ordem e a desordem, a regra e a exceção, o dia a dia e o excepcional são temporariamente revertidos. À luz dessas considerações, considero-o inadequado para apreender as múltiplas ontologias de tempo que se cruzam durante um protesto.

No contexto presente, é a performance hábil que faz com que a perspectiva corporal temporal apareça. Essa capacidade de se deslocar entre diferentes perspectivas temporais – ou seja, tempo morto e tempo ativo – depende, por exemplo, da habilidade dos manifestantes de ocupar um certo ponto de vista corporal durante os confrontos com a polícia. No caso do confinamento, o(s) corpo(s) comprimido(s) é/são colocado(s) junto(s) como uma entidade composta, tornando-se, nas palavras de Viveiros de Castro (1998, p. 482), “o local de uma perspectiva diferenciada”.

Conclusões: Figurações do Futuro

Nesse texto, argumentei que uma performance de protesto eficaz tem efeito no tempo. Percebi que prestar atenção ao corpo e à questão do tempo em confrontos entre manifestantes radicais de esquerda e a polícia é decisivo para o entendimento da forma que as ações políticas assumem entre esses mesmos manifestantes. O confronto corporal é a chave aqui, uma vez que tem um efeito no tempo: é o corpo que divide o tempo quando enfrenta um obstáculo (nesse caso, a polícia). Porém, o corpo sincrônico não pode ser caracterizado nem como força inteiramente imanente nem como uma força perfeitamente transcendente. Por isso, argumentei que a materialidade do corpo é importante¹⁹. Através do estudo desses momentos intensificados de potencialidade, ou quase-eventos, que tiveram lugar na sombra do evento formal da conferência de cúpula, procurei mostrar como o corpo engendra o

¹⁹ Buscar uma política do corpo não é uma novidade. Inspirado pelas teorias feministas e pela filosofia, os antropólogos têm, ao longo dos últimos quarenta anos, interrogado as dualidades natureza-cultura, mente-corpo, e apontado para a produção social e discursiva do sexo, do gênero e dos corpos (ver Lock, 1993, p. 135; Povinelli, 2006; Vilaça, 2005; Wolputte, 2004). Porém, de acordo com Povinelli (2006), a crítica extremamente necessária da metafísica ocidental da substância nos levou à um infeliz efeito colateral – o abandono dos aspectos materiais do corpo. Todavia, a atenção que dou à materialidade do corpo no contexto presente não impede que ele seja considerado altamente instável (cf. Vilaça, 2005).

tempo²⁰. O confronto não implica múltiplas epistemologias do tempo, mas diversas perspectivas corporais, ou o que eu chamo de ‘figurações do futuro’.

No contexto das ações diretas, descrevi a emergência de um corpo sincrônico no momento do confronto, ou, colocado de outra forma, o pertencimento corporal a um mesmo tempo. O corpo sincrônico, em outras palavras, é uma figuração do futuro que tem uma relação simultânea com o presente e com o futuro, materializando-o de uma outra maneira no aqui e agora. A figuração não é uma pré-figuração – ou seja, não é uma antecipação ou um prenúncio de um futuro por vir²¹. Ao invés disso, a figuração é um modo de dar corpo ao indeterminado.

Em suma, o que minha etnografia sugere é que o tempo não flui do passado através do presente para o futuro, mas sim que o tempo é não-cronológico, e que múltiplos tempos são simultâneos ou coexistentes²². Tal como as diferentes naturezas que os xamãs e os espíritos podem assumir nas sociedades amazônicas, argumento que, por meio da alteridade corporal, os ativistas contraem diferentes perspectivas temporais. O que se convencionou pensar como futuro não está vinculado com o presente e nem pode ser deduzido a partir dele; mais propriamente, ele só existe como uma espécie de tempo ativo latente²³. No contexto atual, é o confronto performativo que faz aparecer o futuro.

Tradução: Isadora Szklo

Revisão da tradução: Walther Von Der Vogelweide e Patrícia Zapletal

²⁰ Cf. Povinelli, 2011.

²¹ Cf. Maeckelbergh, 2009.

²² Cf. Foucault, 1986, p. 24-26; Hodges, 2008, p. 409; Tonkin, 1992, p. 72-75. Em um pequeno artigo denominado “Outros Espaços”, Michel Foucault (1986) descreve a época atual como aquela de uma simultaneidade de espaços. Ele fala de “heterotopias” como lugares reais, mas também como contralugares ou utopias efetivamente realizadas que têm a propriedade de estar em relação com outros espaços “de forma a por sob suspeita, neutralizar ou inverter as relações que designam, espelham ou refletem (Foucault, 1986, p. 24). De acordo com Foucault, é um princípio da heterotopia justapor diversos espaços num único lugar real (sendo o exemplo os tapetes Persas que são reproduções de jardins, e os jardins como tapetes nos quais o mundo inteiro é efetuado). Além disso, as heterotopias são vinculadas a “fatias no tempo”, ou seja, heterocronicidade (Foucault, 1986, p. 26), o que implica a emergência de diversos modos simultâneos de ser no tempo.

²³ Cf. Grosz, 2005, p. 110; Miyazaki, 2004, p. 70.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987. [**Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.]

DURKHEIM, Emile. **The Elementary Forms of Religious Life**. New York: Free Press, [1912] 1954. [**As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.]

FOUCAULT, Michel. 1986. Of Other Spaces. **Diacritics**, n. 16, p. 22-37, 1986. [Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos III**. Org. Manoel de B. Motta. Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.]

GELL, Alfred. **The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images**. Oxford: Berg, 1992.

GLUCKMAN, Max. **Analysis of a Social Situation in Modern Zululand**. Manchester: Manchester University Press for the Rhodes-Livingstone Institute, [1940] 1958. [Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: BIANCO, Bela F. (Org.). **Antropologia das Sociedades Complexas**. São Paulo: Global, 1986. p. 237-365.]

GRAEBER, David. 2002. The New Anarchists. **New Left Review**, n. 13, p. 61-73, 2002.

_____. **Direct Action: An Ethnography**. Edinburgh: AK Press, 2009.

GROSZ, Elisabeth. **Time Travels: Feminism, Nature, Power**. Durham, NC: Duke University Press, 2005.

HODGES, Matt. 2008. Rethinking Time's Arrow: Bergson, Deleuze and the Anthropology of Time. **Anthropological Theory**, v. 8, n. 4, p. 399-429, 2008.

JORDAN, John. 2002. The Art of Necessity: The Subversive Imagination of Anti-road Protest and Reclaim the Streets. In: DUNCOMBE, Stephen (ed.). **The Cultural Resistance Reader**. London: Verso, 2002. p. 347-357.

JURIS, Jeffrey S. **Networking Futures: The Movement against Corporate Globalization**. Durham, NC: Duke University Press, 2008.

KAPFERER, Bruce. Sorcery and the Beautiful: A Discourse on the Aesthetic of Ritual. In: HOBART, Angela; KAPFERER, Bruce. (ed.). **Aesthetics in Performance: Formations of Symbolic Construction and Experience**. New York: Berghahn Books, 2005. p. 129-160.

_____. Situations, Crisis, and the Anthropology of the Concrete: The Contribution of Max Gluckman. In: EVENS, T. M. S.; HANDELMAN, Don (ed.). **The Manchester**

School: Practice and Ethnographic Praxis in Anthropology. New York: Berghahn Books, 2006. p. 118-155.

KATSIAFICAS, Georgy. **The Subversion of Politics:** European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life. Oakland, CA: AK Press, 2006.

KRØIJER, Stine. **Figurations of the Future: Forms and Temporality of Left Radical Politics in Northern Europe.** PhD diss., Institute of Anthropology, Copenhagen University, 2011.

KRØIJER, Stine; SJØRSLEV, Inger. Autonomy and the Spaciousness of the Social: The Concern for Sociality in the Conflict between Ungdomshuset and Faderhuset in Denmark. **Social Analysis**, v. 55, n. 2, 2011. (*)

LOCK, Margaret. 1993. Cultivating the Body: Anthropology and Epistemologies of Bodily Practice and Knowledge. **Annual Review of Anthropology**, n. 22, p. 133-155, 1993.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. The Anthropology of Emotions. **Annual Review of Anthropology**, n. 15, p. 405-436, 1986.

MAECKELBERGH, Marianne. **The Will of the Many:** How the Alterglobalisation Movement is Changing the Face of Democracy. New York: Pluto Press, 2009.

MASSUMI, Brian. **Parables for the Virtual.** Durham, NC: Duke University Press, 2002.

MITCHELL, Jon P. 2006. Performance. In: TILLEY, Chris et al. (ed.). **Handbook of Material Culture.** London: Sage, 2006. p. 384-401.

MIYAZAKI, Hirokazu. **The Method of Hope:** Anthropology, Philosophy, and Fijian Knowledge. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

POVINELLI, Elizabeth A. **The Empire of Love:** Toward a Theory of Intimacy, Genealogy, and Carnality. Durham, NC: Duke University Press, 2006.

_____. **The Economies of Abandonment:** Social Belonging and Endurance in Late Liberalism. Durham, NC: Duke University Press, 2011. (*)

SJØRSLEV, Inger. Ritual, performance og socialitet: En introduktion. In: _____. (ed.). **Scener for samvær:** Ritualer, performance og socialitet. Aarhus: Aarhus Universitetsforlag, 2007. p. 9-23.

TONKIN, Elizabeth. **Narrating Our Pasts:** The Social Construction of Oral History. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

TURNER, Victor. **The Forest of Symbols:** Aspects of Ndembu Ritual. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967. [**Floresta de símbolos:** aspectos do ritual Ndembu. Niterói:

EdUFF, 2005.]

_____. **Schism and Continuity in an African Society**. Manchester: Manchester University Press, 1968.

_____. **From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play**. New York: PAJ Publications, 1982.

_____. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

VAN VELSEN, Jaap. The Extended-Case Method and Situational Analysis. In: EPSTEIN, A. L. (ed.). **The Craft of Social Anthropology**. London: Tavistock, 1967. p. 129-149.

VILAÇA, Aparecida. Chronically Unstable Bodies: Reflections on Amazonian Corporalities. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 11, n. 3, p. 445-464, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 4, n. 3, p. 469-488, 1998.

_____. Exchanging Perspectives: The Transformation of Objects into Subjects in Amerindian Ontologies. **Common Knowledge**, v. 10, n. 3, p. 463-484, 2004.

WOLPUTTE, Steven Van. Hang on to Your Self: Of Bodies, Embodiment, and Selves. **Annual Review of Anthropology**, v. 33, p. 251-269, 2004.

WULFF, Helena. Introduction: The Cultural Study of Emotions, Mood and Meaning. In: _____. (ed.). **The Emotions: A Cultural Reader**. Oxford: Berg, 2007. p. 1-18.